

# A negação da vida por meio de categorias ilusórias<sup>1</sup>

Francisco Alvarenga Junnior Neto<sup>2</sup>

## Resumo

Nesta texto, o que se pretende trabalhar é a questão de Deus na filosofia do filósofo Alemão Friedrich Wilhelm Nietzsche como uma negação da vida. Para tanto, é preciso considerar que o homem, por meio do uso da razão, diferente daquilo que ocorre com os demais animais, é o único capaz de dar um sentido à vida, não lhe bastando aquilo que, pela natureza, fora inscrito em seu instinto. Desta forma, ele tem a necessidade de criar vértices da realidade, que nem sempre condizem com ela; o que pode ser entendido como irrealidade, metáfora ou ilusão. Compreender a forma com que este fenômeno psicossocial se dá é de ímpar importância para que se compreenda o desenvolvimento das culturas e religiões, as quais possuem, cada qual, seus folclores, dogmas e crenças, que estão presentes desde os primórdios da humanidade, o que leva, por conseguinte, à compreensão do que é o homem. Para tanto, será realizado um levantamento prévio acerca do conceito de ilusão na perspectiva freudiana, elaborado no livro intitulado *O futuro de uma ilusão*, publicado originalmente em 1927, buscando pensá-lo em paralelo com o conceito de vontade de verdade, elaborado por Nietzsche em seus textos, principalmente no livro intitulado *Sobre verdade e mentira*, que veio a público em 1873. Posteriormente, buscar-se-á pensar a questão de Deus na filosofia de Nietzsche ligada a temas como: niilismo, ideais ascéticos e ressentimento, uma vez que debruçar-se sobre o tema de Deus, compreendendo sua importância para Nietzsche, revela como o filósofo abrangeu de forma ampla a estrutura psicocultural dos ideais modernos, que para ele sempre estiveram protegidos por uma estrutura religiosa. Deus, como outros conceitos alvos das análises nietzschianas, é fruto do desejo de verdade, que não é uma busca pela compreensão do que é verdadeiro ou falso, mas o desejo de se ter um sentido para a existência. Da mesma forma com que ocorre com os conceitos de “Verdade”, “Sujeito” e “Eu”, a grande questão sobre este tema é compreender o que carrega a palavra “Deus”. Desta forma, torna-se importante não mais se perguntar por uma prova final sobre a existência ou não da entidade Deus. A grande tarefa filosófica sobre o tema não é corroborar com a validade ou não do argumento divino, mas sim, perguntar-se: em uma realidade em que Deus não seja mais necessário, como a humanidade se organizará culturalmente? Ou ainda, suponha-se que em determinado momento no futuro o signo “Deus” perca seu valor universal, haverá outro que assumirá seu papel? E, se sim, qual será?

**Palavras-chave:** Deus; Ilusão; Nietzsche; Verdade.

---

<sup>1</sup> presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

<sup>2</sup> Licenciado em Filosofia pelo Instituto Santo Tomás de Aquino - ISTA (2016) . Foi membro do Grupos de Estudos Hegel, do Instituto Santo Tomás de Aquino - ISTA. É membro do Grupo de Pesquisa Modernidade, Religião e Ecologia, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC-Minas. Atualmente é professor de Introdução à Filosofia e Filosofia da Ciência no Seminário Provincial Sagrado Coração de Jesus – SPSCJ e avaliador discente na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Bolsista CAPES. E-mail: [franciscocmf@gmail.com](mailto:franciscocmf@gmail.com).

## **Introdução**

Neste texto, o que se pretende é trabalhar a questão de Deus em Nietzsche, pensando-o como uma das categorias que fundamentam a negação da vida. O homem, por meio do uso da razão, diferente dos demais animais, é o único capaz de dar um sentido à vida. O único capaz de agir de forma que não esteja estritamente inscrita em seu DNA. Ele deseja! Mas, indo além destas constatações, ele é, também, o único ser na natureza que é capaz de querer algo, querer agir de uma forma e não o tomá-lo ou fazê-lo.

Neste íterim, em um primeiro momento, será realizado um levantamento prévio do conceito de ilusão na perspectiva freudiana, uma vez que Freud considerou que a ilusão funciona como um escudo diante da falta de sentido e transitoriedade da vida. Ainda, nesta primeira parte do texto, buscaremos realizar uma aproximação entre a teoria freudiana e a filosofia nietzschiana, dado que o conceito de ilusão expressa o impulso de negação da contingência inerente à existência ou realização de um desejo (*Wunscherfüllung*), o que em Nietzsche será chamado de desejo de verdade.

No segundo momento do texto, o tema dirá respeito à questão de Deus na filosofia de Nietzsche, pensando-a ligada a alguns temas de sua filosofia, como: niilismo, ideais ascéticos e ressentimento, pois se perguntar sobre questão de Deus em Nietzsche é um ato de pensar não a existência ou não da entidade, mas sim, pensar como o cristianismo se desenvolveu. Deus, como outros conceitos alvos das análises nietzschianas, é fruto do desejo de verdade, o que não é uma busca pela compreensão do que é verdadeiro ou falso, mas o desejo de se ter um sentido para a existência. Da mesma forma com que ocorre com os conceitos de “Verdade”, “Sujeito” e “Eu”, a grande questão sobre este tema é compreender o que carrega a palavra “Deus”.

### **1 O que é ilusão?**

A grande característica que define a condição humana é a sua capacidade de problematizar a realidade e criar definições que buscam abarcar o sentido da própria vida e da natureza. Diferente de qualquer outro animal, o homem tem a necessidade de criar vértices da realidade que nem sempre condizem com ela. Este fenômeno, que pode ser definido como irrealidade, metáfora, será aqui definido como ilusão. Compreender a forma com que este fenômeno psicossocial se dá é de impar

importância para compreender o desenvolvimento das culturas e religiões, as quais possuem, cada qual, seus folclores, dogmas e crenças, que estão presentes desde os primórdios da humanidade.

Um dos importantes autores para a compreensão do conceito de ilusão e seu papel no desenvolvimento da psicologia da humanidade é Freud. No livro *O futuro de uma ilusão* (1974), publicado originalmente em 1927, ele defendeu a hipótese de que a estrutura social é sustentada por ilusões<sup>3</sup>. Freud considerou que a ilusão funciona como uma defesa humana diante da percepção de que a vida possui um caráter transitório.

Quando digo que todas essas coisas são ilusões, devo definir o significado da palavra. Uma ilusão não é a mesma coisa que um erro, nem tampouco um erro. [...] O que é característico das ilusões é o fato de derivarem de desejos humanos. [...] As ilusões não precisam ser necessariamente falsas, ou seja, irrealizáveis, ou em contradição com a realidade [...] Podemos, portanto, chamar uma crença de ilusão quando uma realização de desejo constitui fator proeminente em sua motivação e, assim, procedendo, desprezamos suas relações com a realidade, tal como a própria ilusão não dá valor à verificação (FREUD, 1974, p. 43).

Neste ponto, parece-nos ser possível criar um amálgama entre a teoria freudiana e a filosofia nietzschiana, uma vez que o conceito de ilusão expressa o impulso de negação da contingência inerente à existência ou a realização deste desejo (*Wunscherfüllung*). Em um fragmento póstumo da primavera de 1888 Nietzsche escreveu:

O homem procura a 'verdade': um mundo que não se contradiz, não se engana, não muda, um mundo *verdadeiro* – um mundo onde não se sofre: contradição, ilusão, mudança – causas do sofrimento!...Onde pois o homem tomou aqui o conceito de *realidade*? – Por que ele deduziu precisamente o *sofrimento* da mudança, da ilusão, da contradição? E por que não de preferência sua felicidade?... – O desprezo, o ódio por tudo que acontece, muda, se transforma: de onde vem esta valorização do que se conserva? Visivelmente a vontade de verdade é aqui o simples desejo de se encontrar *no mundo do que permanece* (KSB XII, [46] 9 [60]).

Neste fragmento, encontramos uma certa avaliação que o filósofo realizou acerca do desejo de verdade<sup>4</sup>. Tal desejo, segundo ele, que é fundamento de toda a elaboração cultural ocidental, parece estar fundamentado na pretensão de que o homem possuiria uma destinação mais elevada.

Ainda que por caminhos diferentes, Freud e Nietzsche realizaram uma profunda avaliação dos impulsos que erigiram a cultura e, com isso, anunciaram que

---

<sup>3</sup>Aqui aparece uma necessidade de advertência. O termo ilusão é entendido não como definição antagônica à verdade. Dessa maneira, não se está realizando uma contraposição entre Verdade e Mentira.

<sup>4</sup>Uma advertência parece ser necessária. Verdade aqui está sendo entendida como sentido, o porquê da ocorrência de algo de uma forma e não de outra, e não dicotomicamente como usualmente a compreendemos, como termo antagônico à mentira.

o nascimento da ilusão se dá devido ao horror do homem diante da vida – fuga de sofrimento. Escreveu Nietzsche, em um fragmento do verão de 1872: “[o] homem reivindica a verdade e a despende na relação moral com outros homens, sendo que nisso se baseia toda vida gregária” (KSB VII, 19 [97]). No mesmo fragmento, Nietzsche escreveu que o desejo de verdade não é um traço *a priori* da natureza humana, mas que a aspiração à verdade é algo tardio.

Neste sentido, se a verdade é a criação humana através da qual o homem busca criar uma imagem de um mundo imóvel e eterno – contínuo – sem transições, podemos deduzir que para Nietzsche, que afirmou que este ensejo provém do desejo, do impulso pelo não sofrer, logo, somos levados a considerar que o papel da verdade, entendida como ilusão, não se restringe somente ao mundo linguístico, ou mesmo, que não pode ser compreendido como mero elemento de retórica, mas sim, essencialmente, como um fundamento para a moral<sup>5</sup>, uma vez que:

O que a verdade faz com os homens! Quando se acredita possuir a verdade, a vida mais elevada e pura parece possível. A *crença na verdade* é necessária ao homem. A verdade vem à luz como necessidade social: por meio de uma metástase, ela é posteriormente aplicada a tudo aquilo que dela depende. Todas as virtudes surgem a partir de carências. Com a sociedade, nasce a necessidade de veracidade. Do contrário, o homem viveria em eterno ofuscamento. A fundação do estado incita a veracidade. O impulso ao conhecimento tem uma origem moral (KSB VII, 19 [175]).

Em um fragmento deste mesmo período, Nietzsche vinculou todo conhecimento à uma satisfação que não diz respeito à descoberta da verdade, mas sim à crença de se ter descoberto a verdade, e questionou: “que satisfação é essa?” (KSB, VII, 19 [220]), questão respondida em *Sobre verdade e mentira no sentido extramoral*, redigido no verão de 1873, mesmo período em que a anotação foi escrita, quando ele alinha tal satisfação à necessidade de conservação do indivíduo por meio do intelecto (NIETZSCHE, 2008)<sup>6</sup>.

Destas considerações podemos, logo, então, compreender que o tema da verdade, entendido como a ilusão por excelência nos clarifica que o ponto central das elaborações nietzschianas perpassa o tema do sofrimento, uma vez que:

Quando um infortúnio nos atinge, podemos superá-lo de dois modos: eliminando a sua causa ou modificando o seu efeito que produz em nossa sensibilidade; ou seja,

---

<sup>5</sup>Moral aqui está sendo compreendida como a instância do pensamento, da qual derivam todas as avaliações éticas. Acatando a dialética existente entre moral e ética defendida por alguns autores.

<sup>6</sup>Podemos encontrar uma elaboração parecida em *Humano, demasiado humano*, a saber: “Na medida em que por muito tempo acreditou nos conceitos e nomes de coisas como *aeternae veritates* [verdades eternas], o homem adquiriu esse orgulho com que se ergueu acima do animal: pensou ter realmente na linguagem o conhecimento do mundo” (NIETZSCHE, 2000, p. 21).

reinterpretando o infortúnio como um bem, cuja utilidade talvez se torne visível depois (NIETZSCHE, 2000, p. 48).

Retornando ao tema do desejo de verdade, compreendemos que Nietzsche entendeu que aquilo que pela humanidade foi tomado como verdade, nada mais é que uma interpretação – e, diga-se de passagem, a interpretação que mais nos agrada –. Neste sentido, tudo aquilo sobre o qual erigimos nossos conceitos, cultura e valores, nada mais é que apenas nosso desejo de não sofrimento falando em nós. Dessa forma, quando se afirma uma verdade imóvel e universal, o que há é metáfora, aparência e ilusão (NIETZSCHE, 2012b). Porém, deve-se atentar que dentro deste fluxo entre realidade, aparência e metáforas, não há uma negação de uma pela outra; ambas estão imbricadas. Escreve Nietzsche: “[q]ue a verdade valha mais que a aparência não é mero preconceito moral, mas também a suposição menos provada do mundo” (NIETZSCHE, 2012b, p. 56).

Destarte, ao propor uma avaliação dos valores, por meio do método genealógico, Nietzsche buscou apontar que toda a construção cultural ocidental aponta para uma negação da vida, vontade de nada (nihilismo), uma vez que ao defender a existência de uma base imóvel para valores e conhecimentos nega a própria vida, que se encontra inserida em um constante movimento. Para compreender esta negação, é imprescindível compreender a questão de Deus na filosofia nietzschiana e a sua relação com o tema da verdade, uma vez que ele aponta a proximidade entre eles.

## **2 A questão de Deus**

No prefácio de *Além do bem e do mal*, Nietzsche acusou o cristianismo de ser o platonismo para o povo (NIETZSCHE, 2012a). Esta acusação se deu graças ao fato de a doutrina cristã ter incorporado grande parte da doutrina socrático-platônica (imortalidade da alma, verdades eternas, visão dicotômica entre mundo inteligível e mundo sensível, etc.). Se antes o que movia o homem era a busca pela verdade das coisas, no cristianismo a realidade passou a ser regida pela ideia de um Deus que determina toda a realidade desde sua criação, não havendo nada de novo.

Desta forma, pensar a questão de Deus em Nietzsche é, antes de pensar a existência ou não desta entidade, pensar como o cristianismo se desenvolveu. Tal qual a ideia de “Verdade” e “Sujeito”, Deus é, uma criação humana, uma metáfora, uma ilusão. Tão logo, em Nietzsche, não foi Deus quem criou o homem, como ocorre na narrativa bíblica, mas foi o homem quem criou Deus e, assim, a questão

filosófica de Deus em Nietzsche é compreender o que carrega a palavra “Deus”. Em o *Anticristo*, ele escreveu:

Nem a moral nem a religião, no cristianismo, têm algum ponto de contato com a realidade. Nada senão *causas imaginárias* (“Deus”, “alma”, “Eu”, “espírito”, “livre-arbítrio” – ou também “cativo”); nada senão *efeitos imaginários* (“pecado”, “salvação”, “graça”, “perdão dos pecados”). [...] Esse mundo de pura *ficção* diferencia-se do mundo sonhado, com enorme desvantagem sua, pelo fato de esse último *refletir* a realidade, enquanto ele falseia, desvaloriza e nega a realidade (NIETZSCHE, 2016, p. 20).

Para Nietzsche, a ideia de Deus, e qualquer outra categoria metafísica, carrega um sentimento, um desejo, de negação da vida e de tudo o que nela se encontra. Esta vontade de nada foi nomeada por ele como niilismo<sup>7</sup>. O filósofo compreendeu que devido ao niilismo é que a humanidade tornou-se pequena.

Precisamente nisso enxerguei o *grande* perigo para a humanidade, sua mais sublime sedução e tentação – a quê? ao nada –; precisamente enxerguei o começo do fim, o ponto morto, o cansaço que olha para trás, a vontade de se voltar *contra a vida* [grifo nosso], a última doença anunciando-se terna e melancólica [...] *niilismo?*... (NIETZSCHE, 2009, p. 11).

Esta constatação nietzschiana propõe, então, que a moral se consolidou como um grande “não” a tudo que é grande no homem; um medo, uma angústia, que se deriva do próprio homem. Antes do medo pelo que é exterior, é do medo que o homem possui de si mesmo que surge este tremendo escárnio pela vida: “[a] visão do homem agora cansa – o que é hoje o niilismo, se não *isto?*... Estamos cansados do homem...” (NIETZSCHE, 2009, p. 32).

Assim, por meio da imagem de Deus, o cristianismo, visto por Nietzsche como o principal representante de uma moral do ressentimento, é a grande representação de uma postura negativa diante da vida. Para Nietzsche, Deus, sobre a égide da religião, desenvolveu-se como o grande triunfo de uma moral decadente. “Definição da moral: Moral – a idiossincrasia dos *decadentes*, com o oculto designo de vingar-se da vida – e com êxito. Dou valor a esta definição” (NIETZSCHE, 1995, p. 116).

Pensar, então, a origem dos valores “bom” e “mau” é pensar Deus como correlato de Verdade, uma vez que esta palavra, no Ocidente, tornou-se a grande metáfora para qual a humanidade se voltou sempre que pretendeu valorar. Assim, Nietzsche entendeu que Deus é o grande elemento retórico da moral do ressentimento, – uma vez que, quando necessário, o ato de pronunciar esta palavra torna tudo belo e benéfico. Diga-se de passagem, mesmo o sofrimento, que é desde

---

<sup>7</sup>Este termo, na tradição metafísica, é usado para indicar pensamentos que ao que se referem a valores universais, metafísicos, os negam. Em Nietzsche, entretanto, há uma inversão de significados. Ao utilizar o termo, Nietzsche se refere ao pensamento que nega o sentido da terra em detrimento de valores metafísicos e universais.

a origem da humanidade negado, mesmo no sentido fisiológico<sup>8</sup>, tornou-se caminho a ser percorrido por aqueles que negam a vida – ideal ascético. Em o *Anticristo* (2016), Deus é compreendido como o conceito *par excellence* de representação da contradição do homem para com a vida, da vontade de nada querer:

O conceito cristão de Deus – Deus como deus dos doentes, Deus como aranha, Deus como espírito – é um dos mais corruptos conceitos de Deus que já foi alcançado na Terra; talvez represente o nadir na evolução descendente dos tipos divinos. Deus degenerado em *contradição da vida*, em vez de ser transfiguração e eterna afirmação desta! Deus como fórmula para toda difamação do “aquém”, para toda mentira sobre o “além”! Em Deus o nada divinizado, a vontade de nada canonizada!... (NIETZSCHE, 2016, p. 23).

A passagem supracitada corrobora com a tese de que Deus é uma categoria ilusória, por meio da qual a vida é negada. Ora, é o constante ato, ou mesmo antes, o desejo asceta de negação da vida, que fundamenta toda a doutrina cristã, na qual o corpo, desejos e sofrimentos são negados em nome de uma recompensa póstuma. Esta vida, este corpo, estes desejos que se articulam em um constante movimento são tomados pelo asceta como um erro, como algo medonho, que deve ser negado (NIETZSCHE, 2009). Se entendida desta forma, compreender-se-á que a vida ganha um sentido, que sem a ideia de Deus não existe. Nietzsche não compreende um sentido para a vida senão ela mesma. Para ele, nada que possa ser compreendido como uma meta transcendente, um alvo a ser alcançado, diz respeito à realidade da existência. Em o *Anticristo* (2016) vemos:

Quando se coloca o centro da gravidade da vida *não* na vida, mas no “além” – *no nada* –, despoja-se a vida do seu centro de gravidade. A grande mentira da imortalidade pessoal destrói toda razão, toda natureza no instinto – tudo de benéfico, promovedor de vida, garantidor de futuro nos instintos passa a despertar suspeita. Viver de modo que já não há sentido em viver, *isso* torna-se o sentido da vida... (NIETZSCHE, 2016, p. 49).

Com isto, ainda que Deus tenha se tornado desnecessário para compreensão do Mundo na Modernidade, ainda que se tenha acatado as palavras do homem louco acerca do “sumiço” de Deus: “[n]ós o *matamos* – vocês e eu” (NIETZSCHE, 2012a, p. 137), a humanidade não se desvencilhou das amarras antigas. Ou melhor, não pretendeu se desvencilhar, pois, mesmo com o surgimento do método científico na Modernidade o que foi afirmado não foi o valor da vida crua e em si, mas sim a vontade de nada do homem. “Bem a fundo, o que há por trás da procura pelo conhecimento? O anseio pela segurança, pela paz. Ora, o homem quer a paz, mas a

---

<sup>8</sup>O homem, o animal mais corajoso e mais habituado ao sofrimento, não nega em si sofrer, ele o deseja, ele procura inclusive, desde que lhe seja mostrado um sentido, um para quê no sofrimento. A falta de sentido do sofrer, não o sofrer, era a maldição que até então se estendia sobre a humanidade – e o ideal ascético lhe ofereceu um sentido! (NIETZSCHE, 2009, p. 149).

natureza é guerra. Ao querer a paz, o humano pretendeu e pretende a verdade como fornecedora dessa paz” (SOUSA, 2011, p. 32)<sup>9</sup>. Ilusão!

Assim, ainda que como metáfora, também a morte de Deus se apresenta por si só incapaz de consolidar uma afirmação da vida. Se consideramos esta afirmação como uma precisa leitura do fenômeno ocorrido na Modernidade, o que podemos constatar é que o que houve foi uma transição de uma ilusão para outra: de uma dependência esmagadora de um além a uma exacerbação da razão como verdade e sentido do homem na natureza.

### **Conclusão**

Após esta breve discussão acerca do tema de Deus na filosofia nietzschiana, podemos acordar duas constatações: a primeira, a questão de Deus para Nietzsche está para além das discussões sobre a existência ou não de uma entidade tal qual a crença religiosa prega; e a segunda diz respeito à importância que este tema possui dentro de seu construto filosófico. Compreender a forma como as culturas se desenvolveram sobre a égide da metáfora divina, permite-nos entender a forma com que a ética e a moral se desenvolveram, não veladas por olhos que tudo veem, mas por uma vontade que tudo quer, ainda que isto signifique nada querer.

Próximo ao descrito por Nietzsche, Freud compreendeu que a ilusão é um poderoso meio para que o homem suporte a vida, que se mostra dura e violenta. O tema da ilusão, presente na obra dos dois pensadores, tomado para além da idiosincrasia filosófica que o compreende a partir da expressão *ilusão = mentira*, é de suma importância para se chegar às origens não só da moral, mas também da forma com que o ser humano desenvolveu sua capacidade de comunicação por meio da linguagem, a qual é rica de signos que representam ilusões.

Ainda, debruçar-se sobre o tema de Deus compreendendo sua importância para Nietzsche, revela o que o filósofo foi capaz de realizar. Para Nietzsche não faltam adjetivos que o caracterizam como “imoralista”, “anticristo”, etc., e sua filosofia corriqueiramente é apontada como “filosofia do martelo”, em referência à sua obra *Crepúsculo dos ídolos* (2013). Entretanto, gostaríamos de assinalar que, para além destas constatações óbvias, o tema demonstra como o filósofo, em sua tarefa, abrangeu de forma ampla a estrutura psicocultural dos ideais modernos, que para ele sempre estiveram protegidos por uma estrutura religiosa (MACHADO, 1984).

---

<sup>9</sup>Escreve Machado: “[t]anto quanto a moral cristã, a ciência é uma atividade niilista que possibilita a dominação da vida pelas forças reativas” (MACHADO, 1984, p. 87)



A grande constatação nietzschiana é que o homem cria: cria valores, metáforas e ilusões *ad infinitum*. Assim, vale a pena compreender que Deus se trata de, antes de mais nada, uma criação humana, fruto do ressentimento para com a vida. Desta forma, torna-se importante, se tomarmos as elucubrações nietzschianas como ponto de partida, não mais procurar uma prova final sobre a existência ou não existência da entidade Deus. Esta tarefa é ineficiente! A palavra, o símbolo, o signo, estão aí. A grande tarefa filosófica sobre o tema não é corroborar com a validade ou não do argumento divino, mas sim se perguntar quais serão seus desdobramentos para além do campo religioso. A pergunta que se deve fazer é: em uma realidade em que Deus não seja mais necessário, como a humanidade se organizará culturalmente? Ou ainda, suponha-se que em determinado momento no futuro o signo Deus perca seu valor universal, haverá outro que assumirá seu papel? E, se sim, qual?

### **Bibliografia**

FREUD, S. O futuro de uma ilusão. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

MACHADO, R. C. de M. Nietzsche e a verdade. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

NIETZSCHE, F. W. Ecce homo: como alguém se torna o que é. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe. Edição de Colli e Montinari. Berlim/New York: Walter de Gruyter, 1999.

\_\_\_\_\_. Humano, demasiado humano. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. Sobre verdade e mentira. Trad. Fernando de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2008.

\_\_\_\_\_. Genealogia da moral: uma polêmica. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. A Gaia ciência. Trad. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012a.

\_\_\_\_\_. Além do bem e do mal: prelúdio de uma filosofia do futuro. Trad. Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis: Vozes, 2012b.

\_\_\_\_\_. Crepúsculo dos ídolos: ou como se filosofa com o martelo. In: Friedrich Nietzsche: obras escolhidas. Trad. Gabriel Valladão Silva, Marcelo Backes, Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2013.

\_\_\_\_\_. Anticristo: maldição ao cristianismo; Ditirambos de Dionísio. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

SIQUEIRA ABRÃO, B. História da Filosofia. Rev. Mirtes Ugeda Coscodai. São Paulo: Editora Nova Abril Cultural, 1999. [Os Pensadores].

SOUSA, M. A. Nietzsche: para uma crítica à ciência. São Paulo: Paulus, 2011.